

**O SMS COMO SUPORTE DIDÁTICO
PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS (L2) PARA SURDOS:
POSSIBILIDADES EM CONTEXTO BILÍNGUE**

Daniele Barboza Moura (UERJ)
danielebmoura@ig.com.br

1. Considerações Iniciais

A educação de surdos, nos últimos anos, tem sido alvo de muitas reflexões, em especial o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita. Isto se deve ao fato do Brasil ter reconhecido a língua brasileira de sinais, por meio da Lei nº 10.436 de 2002, como a primeira língua da comunidade surda e a língua portuguesa, a segunda língua.

O reconhecimento da libras, como L1 do indivíduo surdo, contribuiu para que pesquisadores refletissem sobre o ensino e aprendizagem do português, como segunda língua na modalidade escrita, buscando desenvolver estratégias e práticas em prol do ensino efetivo do idioma. Sendo assim, pensar em práticas de ensino para um grupo, linguisticamente distinto e minoritário, é sempre uma questão delicada e complexa.

Entretanto a relação do surdo com a escrita no âmbito escolar ainda se faz de forma resistente e não satisfatória. O fato é que ao realizar construções em língua portuguesa na modalidade escrita, a grande maioria, apresenta dificuldades que acabam criando resistência ao aprendizado.

O uso da língua é muito mais do que a demonstração da capacidade de conhecimento mínimo das regras para comunicação entre os sujeitos, da sintaxe e da gramática. A língua, enquanto sistema social e não individual, pressupõe a necessidade da interação com o outro para que seja significada (HALL, 2006).

Fiorin (2008, p. 23) afirma que é preciso compreender que: “não basta saber o que significa cada uma das unidades da língua que compõem esse enunciado, para apreender seu sentido. É preciso perceber as relações dialógicas que ele mantém com outros enunciados do discurso”. Sendo assim, o usuário deve ser capaz de compreender que o enunciado é mais do que um sistema de regras.

E quando se trata do surdo inserido neste sistema social, a língua portuguesa ganha um lugar de destaque. De acordo com Vianna (2010, p.

17) a *escrita* representará um meio importante do qual os surdos não podem prescindir, posto que, sem ela limitam-se a chance de integração ao mundo ouvinte e o acesso sistemático a rede de informações no meio social, tendo em vista que vivemos em uma sociedade na qual a leitura e escrita são fundamentais.

2. Libras: afinal, que língua é essa?

Muitas pessoas acreditam que as línguas de sinais são apenas um conjunto de gestos, utilizados com o intuito de interpretar as línguas orais. Entretanto pesquisas constataam que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais, expressando ideias sutis, complexas e abstratas (FELIPE, 2007).

A libras, língua brasileira de sinais, é uma língua visual-espacial, com gramática própria, articulada através das mãos, expressões faciais e corporais. É uma língua natural usada pela comunidade surda brasileira (MEC, 2004). Reconhecida pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada em 22 de dezembro de 2005 pelo Decreto Federal nº 5.626.

Ferreira-Brito (1995) destaca que as línguas de sinais se estruturam a partir de unidades mínimas que formam unidades maiores e mais complexas, possuindo diversos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Os elementos gramaticais dessa língua são denominados “sinal”. Estes são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em uma determinada localização do corpo:

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. Sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 51).

As articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e em algumas situações aos morfemas, são denominadas parâmetros, que, nas línguas de sinais, são divididos em: configuração das mãos (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA) e orientação (O). Além

dessas características, ainda podem ser considerados os componentes não manuais dos sinais, tais como as expressões facial e/ou corporal, o movimento da cabeça e do corpo (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Observemos cada um dos parâmetros a seguir:

- I. Configuração de mãos (CM):** A CM é a forma da(s) mão(s) presente no sinal. Na libras há 64 configurações; são feitas pela mão dominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos dependendo do sinal.

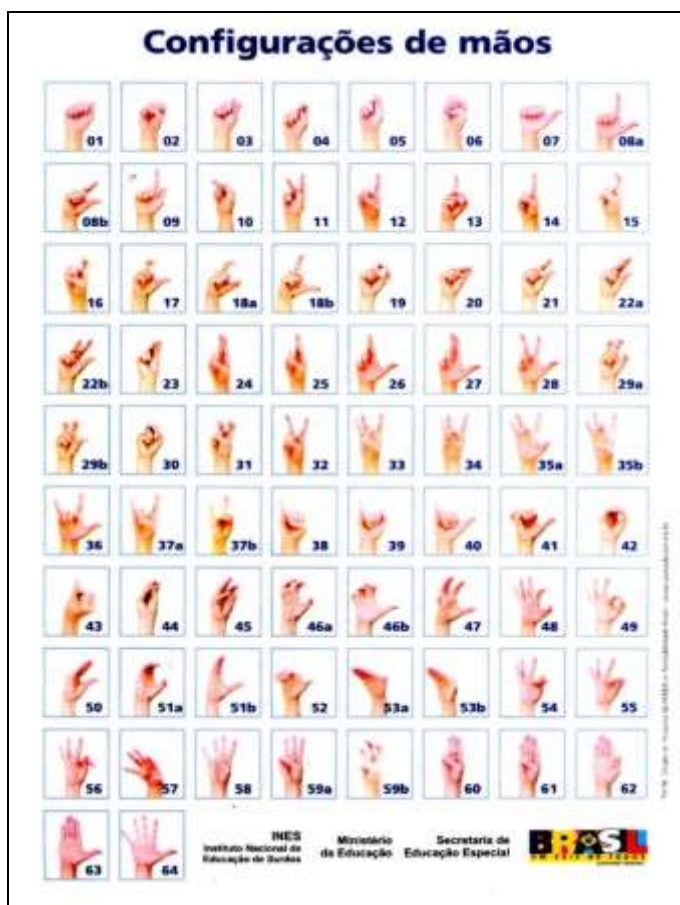


Figura 1

Podemos observar, no exemplo a seguir, que os sinais APRENDER, LARANJA e DESODORANTE-SPRAY tem a mesma configuração de mão e são realizados em pontos de articulação distintos (FELIPE, 2007):

Figura 2



II. Movimento (M): Os sinais podem ter movimento ou não. É um elemento importante para compreensão de alguns sinais, devendo ser respeitado o tipo de movimentação para cada sinal. Outra característica importante deste item é a velocidade que pode representar tensão, retenção, continuidade, além de que em algumas situações há a necessidade de reduplicar o movimento (por exemplo, para explicar mais de uma vez, indicar várias coisas e marcar plural).

| Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito, 1990) | |
|--|--|
| TIPO | <p><i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual</p> <p><i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado</p> <p><i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar</p> <p><i>Torção do pulso:</i> rotação, com refreamento</p> <p><i>Dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo</p> <p><i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)</p> |
| DIRECIONALIDADE | <p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Unidirecional:</i> para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial - <i>Bidirecional:</i> para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda <p>Não-direcional</p> |
| MANEIRA | <p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - contínuo - de retenção - refreado |
| FREQUÊNCIA | <p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> - simples - repetido |

Quadro 1

III. Ponto de articulação (PA) (também recebe o nome de locação) – (L): É o local no corpo do enunciador onde os sinais são realizados. É um espaço limitado que vai desde o topo da cabeça até a cintura sendo alguns pontos mais precisos, tais como a ponta do nariz, e outros, mais abrangentes, como a frente do tórax:

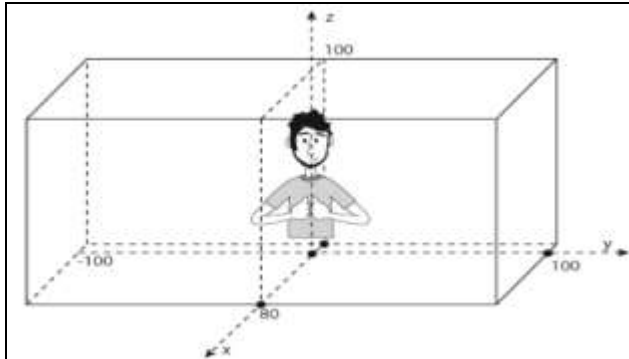


Figura 3 (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 73)

| Locações (Ferreira-Brito e Langevin, 1995) | |
|--|---------------|
| Cabeça | Tronco |
| topo da cabeça | pescoço |
| testa | ombro |
| rosto | busto |
| parte superior do rosto | estômago |
| parte inferior do rosto | cintura |
| orelha | |
| olhos | braços |
| nariz | braço |
| boca | antebraço |
| bochechas | cotovelo |
| queixo | pulso |
| Mão | Espaço Neutro |
| palma | |
| costas das mãos | |
| lado do indicador | |
| lado do dedo mínimo | |
| dedos | |
| ponta dos dedos | |
| dedo mínimo | |
| anular | |
| dedo médio | |
| indicador | |
| polegar | |

Figura 4 (QUADRO & KARNOPP 2004)

IV. Orientação (O): É a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Ferreira-Brito (1995, p. 41) afirma que na língua brasileira de sinais, há seis tipos de orientações da palma da mão. São elas: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para esquerda.

V. Expressões não manuais (ENM): São componentes extremamente importantes para a transmissão da mensagem. Em algumas situações, para expressar realmente o que se deseja, o sinal requer características adicionais como: uma expressão facial, ou dos olhos, para que sentimentos de alegria, de tristeza, uma pergunta ou uma exclamação possam ser completamente representados ao receptor da mensagem.

Como podemos perceber, ao contrário das crenças, as línguas de sinais são

línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 30).

É importante ressaltar que o surdo ao utilizar a libras deve ser visto como pertencente a uma minoria linguística e cultural, que faz uso de uma modalidade de língua que se materializa linguisticamente visuo-espacialmente.

3. O SMS como suporte didático para o ensino da língua portuguesa com L2

Há no mundo uma quantidade de línguas e todas elas são compreensíveis. Se, porém não conheço o sentido das palavras, serei como um estranho diante daquele que fala e também o que me fala será para mim um estranho (Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios 14, 10-11).

A produção escrita dos surdos é foco de muitas pesquisas que procuram demonstrar as principais dificuldades dos surdos. Entre elas destacam-se a ausência de artigos, flexões verbais e organização frasal que não corresponde à ordem convencional da língua portuguesa.

Ao produzirem suas frases, obedecem à hierarquia semântica, ou seja, os conteúdos de maior significação e importância são colocados em destaque no início da oração. Além da organização frasal, encontramos

nos enunciados a ausência de determinantes e marcações de gênero, bem como o uso equivocado de verbos e preposições.

Isto ocorre devido ao fato de que, ao produzirem enunciados, sujeitos surdos elaboram textos escritos com base nas habilidades desenvolvidas em sua primeira língua. Na perspectiva do desenvolvimento cognitivo, a aquisição de uma segunda língua é similar ao processo de aquisição da primeira língua (QUADROS, 2006). Neste processo de aprendizagem é possível identificar estágios de interlíngua, como afirma Ellis:

Entre a primeira e a segunda língua, vários autores identificam a existência da interlíngua, um sistema que apresenta características linguísticas específicas com diferentes níveis de sofisticação até se aproximarem da língua alvo, no caso, a língua brasileira de sinais. (*Apud*, QUADROS, 2006).

É possível identificar, nos estágios de interlíngua, as características de um sistema linguístico com regras próprias que segue em um fluxo de desenvolvimento contínuo em direção à segunda língua. Brochado (2002, *apud* QUADROS) observou em produções textuais de alunos surdos, os seguintes estágios de interlíngua:

- 1) **Interlíngua I:** Neste estágio observamos o emprego predominante de estratégias de transferência da língua de sinais (L1) para a escrita da língua portuguesa (L2). Há o predomínio de construções frasais sintéticas. Emprego de verbos no infinitivo e falta de conjunções.
- 2) **Interlíngua II:** Neste estágio constatamos na escrita de alguns alunos uma intensa mescla das duas línguas, em que se observa o emprego de estruturas linguísticas da língua de sinais brasileira e o uso indiscriminado de elementos da língua portuguesa, na tentativa de apropriar-se da língua alvo. Emprego, muitas vezes, desordenado de constituintes da L1 e L2.
- 3) **Interlíngua III:** Neste estágio, os alunos demonstram na sua escrita o emprego predominante da gramática da língua portuguesa em todos os níveis, principalmente, no sintático. Definindo-se pelo aparecimento de um número maior de frases na ordem SVO e de estruturas complexas da língua. Há o uso consistente de flexões verbais, nominais e o emprego de artigos, preposições e conjunções.

As particularidades encontradas nos textos dos surdos são diversas. Entretanto, o nosso foco será o uso das preposições da língua portuguesa em suas produções textuais. O corpus selecionado é composto por mensagens de textos (SMS). Esse gênero, frequentemente usado pela comunidade surda, é um valioso material de análise, onde podemos encontrar em pequenas sentenças, de que forma os surdos constroem os enunciados em segunda língua.

Esta escolha deve-se ao fato de que os alunos surdos demonstravam insegurança nas produções textuais durante as oficinas de texto, mas produziam pequenos enunciados por meio dos SMS. Percebi que partindo desses pequenos enunciados seria possível levar os alunos a compreenderem e refletirem a respeito da gramática do português e melhor utilizar os recursos disponibilizados para aprimorar a produção de textos mais elaborados.

Observaremos nos exemplos que grande parte das construções causará estranhamento por parte de leitores que desconhecem a realidade linguística desse grupo. Mas a intenção é refletir sobre essa produção textual a fim de obter elementos que contribuirão para a criação de estratégias para o ensino de língua portuguesa para este público em especial.

Neste trabalho a intenção é analisar o uso das preposições por alunos surdos, considerando os aspectos semânticos e de que forma esses aspectos corroboram para uma aprendizagem significativa. Importante ressaltar que em libras a preposição é estabelecida por intermédio de espaço incorporado ao verbo ou da indicação no espaço (apontação).

Observemos os textos⁵⁰ a seguir:

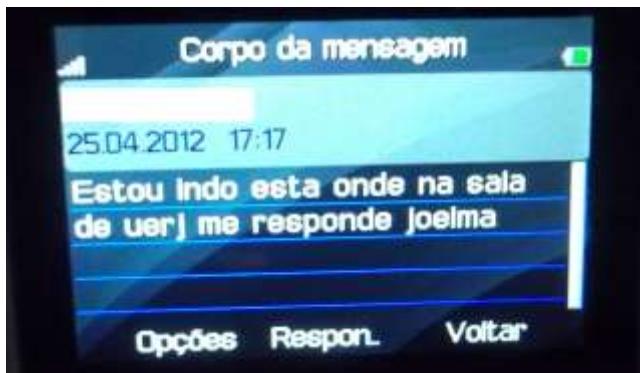


Texto 1

Nesta mensagem podemos perceber que a preposição *de* causa certo estranhamento, pois a intenção era especificar qual a estação do

⁵⁰ A opção pelo termo texto deve-se ao fato de que o objetivo da imagem é o de reproduzir o texto integral.

metrô, mas ao utilizar o *de* parece que o flamengo é um meio. Porém, não prejudica a compreensão da mensagem, podemos compreender perfeitamente a intenção do emissor.



Texto 2

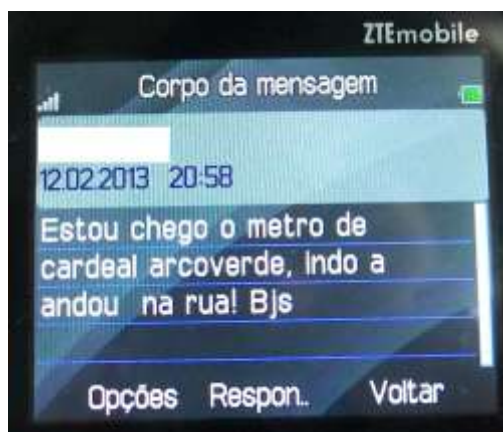
Percebemos na mensagem que o aluno utiliza a preposição *na* com a intenção de saber *em que* sala sua colega estava *de* UERJ, que na verdade o mais adequado seria utilizar a preposição *na* para especificar o local.



Texto 3

Nessa construção é possível perceber que a preposição escolhida semanticamente está adequada à intenção que o emissor deseja passar,

que é a de “entrar” em determinado lugar, neste caso uma página de relacionamentos (facebook), havendo apenas um equívoco na concordância.



Texto 4

Somos capazes de compreender a mensagem, ele diz que: *chegou* ‘ao’ *metrô* ‘de’ (estação) *Cardeal Arcoverde*, (estou) *indo a* (algun lugar), *andou* (no sentido de que está andando) *na rua* (através). Entretanto alguns elementos não estão implícitos, pois o emissor pressupõe a compreensão por parte do receptor, isso se deve ao fato de que na língua de sinais esses marcadores são delimitados no espaço de enunciação, logo percebemos a influência da L1 (sistema subjacente) neste enunciado.

Podemos perceber nas quatro mensagens que todas são possíveis de serem compreendidas, entretanto, é visível a influência estrutural de sua primeira língua, a libras. Há o uso de preposições, mesmo que de maneira equivocada, sob a ótica da configuração gramatical e sintática do Português, bem como flexões verbais.

Vejo que ao levarmos os alunos a uma análise semântica de suas produções escritas, contrastando os sentidos entre as línguas envolvidas, é possível um melhor desempenho na utilização da gramática em segunda língua.

Por exemplo:

- a) (Eu) estou indo *para*
- b) (Eu) estou indo *de*
- c) (Eu) estou indo *com*

Com base em enunciados curtos, modificando apenas as preposições, podemos apresentar o sentido ativado por cada um dos enunciados. Também é possível elaborar construções com preposições que possibilitem uma ideia ambígua ou que sejam polissêmicas.

Diante do número restrito de materiais destinados ao ensino de língua portuguesa para surdos e tendo em vista a importância de pensar no ensino com foco nas práticas de uso da linguagem, o professor dispõe de ferramentas simples que serão muito mais significativas.

Marcuschi (2002) destaca que o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus diversos usos no dia a dia, pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de algum gênero. Por isso, afirmo a necessidade de valorizar esse gênero textual, SMS (a mensagem de texto), no processo de aprimoramento e compreensão dos recursos disponíveis na segunda língua.

4. Considerações finais

Ainda há muito que dizer a respeito do ensino de língua portuguesa na modalidade escrita para alunos surdos. Neste trabalho houve a pretensão de trazer apenas uma breve reflexão sobre o ensino para este grupo de minoria linguística e as possibilidades de ensino a partir da mensagem de texto.

Importante reconhecer e garantir que os surdos possam ser alfabetizados e letrados em sua primeira língua e que essa é uma condição *sine qua non* para um bom desempenho em uma segunda língua de modalidade escrita.

É preciso que educadores identifiquem que pequenos textos, mesmo que sejam informais, são fontes ricas em elementos gramaticais, possibilitando um grande número de propostas didáticas, como por exemplo, discutir a posição/organização lógica, em uma estrutura frasal, de acordo com a intenção que pretendem dar.

Acredito que o reconhecimento da libras como primeira língua da comunidade surda e a compreensão de que este grupo necessita de uma educação bilíngue é um passo importante. Entretanto ainda há um caminho longo a seguir e muitas pesquisas precisam ser desenvolvidas e compartilhadas entre os educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: introduction*. Edinburgh University Press, 2006.
- FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto*. Curso básico: Livro do Professor. Brasília: MEC/SEE, 2006.
- FERRARI, Lilian. *Introdução a linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- GESSER, Audrei. *Libras, que língua é essa?* São Paulo: Parábola, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002, p. 19-36.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodernir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- _____; SCHNIEDT, Magali L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP: 2006.
- SALLES, H. M. M. L. *et alii*. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC/SEESP. 2004
- VIANNA, Gláucia dos Santos. *Aspectos de coesão textual na escrita de surdos: a formação de cadeias tópicas*. 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Linguística.